

SEGUNDO CADERNO

MAURO RASI

A topetuda vem aí!!!

Estranhos retratos de um país mineiro

• **ITAMAR E ACM** buscam desesperadamente os refletores. Itamar optou pelo caminho da luz. Mesmo porque não é ele que paga a conta. Fica horas e horas no secador secando o topete, despachando com o Hargreaves e o Zé Aparecido, fazendo a barba com barbedor elétrico, com o chuveiro ligado, rádio ligado, as luzes todas acesas, ar condicionado no máximo, TV ligada e a porta da geladeira aberta. Depois faz pãozinho de queijo no forninho elétrico pra tomar com cafezinho de cafeteira elétrica. Não é à toa que o palácio chama-se da Liberdade.

• **ITAMAR** nos remete à infância e inspira carinho. Lembra aquele tio maluco do Boinha que vive fugindo do asilo. Lembra também Madame Min, a bruxa trapalhona. Pelo menos a vassoura dela é mágica, dispensa eletricidade.

Itamar parece aquelas velhotas gaiteras, que querem aproveitar a vida e a família, que tá de olho na herança, (qualquer semelhança com o governo federal é mera coincidência), fica enchendo ela de medo, enfiando na cabeça dela que ela é velha, que vai escorregar, cair, quebrar um osso, que não pode tomar vento. Ficam toda hora lembrando a idade dela (108 anos!!!). Insistem:

— Tem que se preparar pra fazer a passagem.

Falam isso aos berros, pausadamente, no ouvido dela, como se fala com surdos ou crianças. Compram-lhe uma cadeira de balanço, umas agulhas de tricô, tacam-lhe uma manta nos joelhos, mas a velhota quer rua, tá cheia de adrenalina pra gastar. E logo. A criança grita:

— Olha lá, a vovó tá pegando o fusca.

Onde a senhora vai, mamãe? Eu vou chamar o dr. Cardoso, hein. E liga pra Brasília. Mas é tarde. A velha já foi pro show.

Tia Hilda observa que ACM também é velha e também quer saçaricar.

— Mas é uma velha má. E o saçarico dele é outro. E valcúnia:

— É por essas e outras maluquices que perega dar Itamar no segundo turno.

• **NATV** só dá o Parente e o ACM. Não sei qual



Cida Calvi

dos dois é pior. Com essa história de ocupar todos os espaços, ACM está virando pop star. O problema é que ele não toca nenhum instrumento, nem trombone. Começou no "Passando a limpo", do Boris Casoy, daí foi na Gabi, no Raul Gil. Daqui a pouco vai estar com os gêmeos, dançando com a Gretchen no Gugu, vai ser que nem o Jean-Claude Van Damme. Parece que aceitou até ser professor da "Escolinha do barulho"... vai terminar no programa da Vera Loyola. Quem viu sabe do que está falando.

— Pedro Parente é o Zé do Caixão do regime, o mensageiro da morte, só vem pra dar

notícia ruim. É que nem telegrama antigamente. A gente logo pensava: quem será que morreu? Só falta aparecer com uma foice. Ou com uma vela.

— Espero que pelo menos ele esteja fazendo o seu pé-de-mela, porque pra aceitar esse papel de graça... Vai virar um estigma. Que nem a Zélia.

• **O GOVERNO** vai processar ACM, que teria ultrapassado os limites do tolerável. Os conceitos de tolerância do governo são mais elásticos do que um iô-iô. Criou a Corregedoria Geral da União, que está sendo paga pra de-

belar a corrupção. E cadê a Anadyr, a corregedora? Será que aproveitou o escurinho e se mandou?

— Não tenho mais visto ela nem no bingó — estranha tia Lola.

— Deve estar atrás de lâmpadas fluorescentes. Reclamou que tava gastando muita luz pra ler aqueles calhamços de processos, que só o do DNER tinha 17 mil páginas, tudo escrito com aquela letreirinha de contrato de plano de saúde, que nem com lupa dá pra ler. Tinha prometido uma lanterna pra ela, mas sabe como é a burocracia, até agora... Ela me disse:

— Não vou correr o risco de ter a luz cortada por causa da corrupção. Isso já é demais. Eles que roubem à vontade.

• **FUI VER** "Pearl Harbour". É o filme da era Bush, feito para convencer os americanos da necessidade do Projeto Guerra nas Estrelas, o tal escudo antimíssil, pra proteger os EUA de quem mesmo? Tem uma frase no fim que diz que "o perigo vem de onde menos se espera". Deve bastar pra deixar todo mundo de cabelo em pé. "Pearl Harbour" parece que foi dirigido por Giorgio Armani. É uma guerra fashion. Parece um desfile de Dolce & Gabbana tendo bombas como pano de fundo. Podia se chamar "Calvin Klein vai à guerra". O filme é uma ótima desculpa pro Bush não pedir perdão pro Japão pelas bombas de Hiroshima e Nagasaki. Os japoneses vivem exigindo um pedido formal de desculpas, mas pelo visto Bush vai é jogar outra bomba, dessa vez em Kioto.

• **FELIZMENTE**, no mesmo dia fui ver "A máquina", da Adriana Falcão, no teatro Casa Grande. "A máquina" é o oposto de "Pearl Harbour", em todos os sentidos. É a sensibilidade contra a opulência de recursos. A (falsa) guerra deles, contra a nossa verdadeira raiz. Apenas um praticável giratório em cena e uma profusão de talento. A poesia de Adriana Falcão lembra Manoel de Barros, em precisão e delicadeza. E o elenco... santa mãe de Deus! Que atores! Salve Pernambuco.

E-mail para esta coluna: mrasi@gbl.com.br

NOTAS

Dia dos namorados no Afrodite

• Hoje, às 21h, o Afrodite Caffé, que fica na Rua Rainha Guilhermina 35, no Leblon, celebra antecipadamente o Dia dos Namorados com o recital "Poesias afrodisíacas". A casa cobra couvert de R\$ 5 e consumação de R\$ 10.

• **VANGELIS NO ESPAÇO**
O compositor Vangelis lançará seu novo CD no dia 28 deste mês, no Templo de Zeus, em Atenas. A Nasa escolheu uma das composições como tema de sua missão a Marte.

• **WORKSHOP NO CCBB**
A artista plástica francesa Marie-Ange Guilleminot vai dar um workshop, amanhã, às 16h, no CCBB. A inscrição é gratuita com distribuição de senhas a partir de 13h.

• **CICLO DE PALESTRAS**
O Espaço Cultural Constituição (Rua da Constituição 34) abriga hoje, às 19h30m, mais uma palestra do ciclo Mitos do Homem Contemporâneo. O tema é "Eros e Píscis".

Cabo Verde é a inspiração de Cesária Evora

Cantora africana faz sucesso no mundo mas mantém raízes

Bernardo Araujo

A indústria fonográfica pode classificar seus discos como world music, mas o que Cesária Evora canta vem de um só lugar: o Cabo Verde. Seu novo CD, "São Vicente II longe" (não por acaso o nome do violão onde nasceu), está tendo ótima aceitação, o que a levou a uma longa turnê pela Europa e América do Norte. Por enquanto não há planos para shows no Brasil.

— Estivemos na França, Polónia, Bélgica e Alemanha e daqui a dias partimos para os Estados Unidos e Canadá — diz Cesária, em seu dialeto crioulo derivado do português.

Música do Brasil e de Cuba se soma à tradição africana
Ela concorda que é mais popular na França, e vê algumas razões para isso.

— Meu produtor, José da Silva, mora em Paris, e foi lá que tudo começou — lembra ela. — E também trata-se de um lugar cosmopolita, onde as pessoas estão acostumadas à música da África e de diversas partes do mundo.

Apesar de ter gravado em lugares como Paris, Cuba e o Rio — no Cabo Verde não existe a tecnologia necessária — ela garante que sua música tem a pureza da tradição.

— É claro que gravei composições de artistas brasileiros, como "Negue", de Adelinho Moreira, devido à admiração que tenho pela música de vocês, que sempre se ouviu no Cabo Verde — diz ela. — Mas José e eu estamos sempre ouvindo os compositores locais, em busca de repertório. Até os sons mais cubanos do disco estão lá porque têm as mesmas raízes africanas. ■

O dia em que o Jazz virou pop.

